Aula 9

OS LUGARES DE MEMÓRIA E O ENSINO DE HISTÓRIA: ENTRE ARQUIVOS, MUSEUS E BIBLIOTECAS

META

Refletir sobre as possibilidades de uso dos documentos de arquivos, museus e bibliotecas nas aulas de História.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

Identificar as diferenças entre os documentos de arquivos, museus e bibliotecas.

Utilizar os documentos de arquivos, museus e bibliotecas nas aulas de História para o Ensino Médio.

PRÉ-REQUISITO

O aluno deve ter conhecimentos básicos sobre Metodologia do Ensino de História.

Sayonara Rodrigues do Nascimento Santana

INTRODUÇÃO

Querido aluno (a), nesta aula iremos refletir sobre os acervos documentais presentes em arquivos, museus e bibliotecas, bem como a sua utilização nas aulas de História do Ensino Médio.

Para tanto, discutiremos sobre as diferenças entre os acervos presentes nos referidos locais, destacando os objetivos de cada um, assim como as peculiaridades dos processos de acumulação de documentos.

A partir desse referencial, adentraremos no universo das aulas de História para pensar sobre estratégias de trabalho com as referidas documentações, com o objetivo de aproximar os docentes e os discentes dos locais e fontes de pesquisa utilizadas pelos historiadores na construção da história e assim promover um ensino e uma aprendizagem mais significativos.

Biblioteca Nacional/ RJ
Fonte: http://www.conexaojornalismo.com.br/colunas/turismo/conheca-11-bibliotecas-fantasticas-ao-redor-do-mundo-83-2823

A MEMÓRIA E OS SEUS LUGARES

Como substrato/matéria-prima para a construção da história, a memória possui um conjunto de elementos que lhe dão significado e que são de fundamental importância para a definição de laços de identidade das sociedades. Assim sendo, Le Goff (2008) afirma que:

> A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. (LE GOFF, 2008, p.469. *Grifo do autor*).

Essa busca salientada por Le Goff (2008) liga-se à ideia dos lugares de memória salientada por Nora (1993), no sentido de que na contemporaneidade há uma busca pela memória, tendo a história um papel fundamental nesse processo. Nas palavras de Nora (1993):

> Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. (NORA, 1993, p.13).

Desta feita, Nora (1993) ressalta que há, atualmente, uma obsessão pelo registro, daí a necessidade de se criarem os lugares de memória para guardarem os registros materiais das sociedades, resultante do questionamento sobre a memória social, a aceleração da história (processo) e a necessidade da perpetuação da memória através da história (conhecimento/disciplina).

Com isso, diferentemente das chamadas sociedades tradicionais, nas quais a memória é transmitida pela tradição e pelos costumes, as sociedades atuais buscam os lugares para guardar a sua memória.

O motivo principal está, segundo Nora (1993), no processo de aceleração da história, no qual o cotidiano afasta-se das vivências da tradição e do costume, e a memória deixa de ser encontrada no tecido social e passa a ser guardada, preservada em seus laços de continuidade. Nesse sentido, os lugares de memória são encarregados de desempenhar esse papel de manutenção dos liames sociais, de fugir à ameaça do esquecimento.

Nesse sentido, destacamos a importância dos arquivos, dos museus e das bibliotecas como lugares de muitas memórias, contendo a vida de instituições, pessoas e grupos que se perpetuam e se apresentam às novas gerações como um lugar de identidade.

Nora (1993, p.13) destaca alguns lugares memória, materiais ou não: "Museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações". Verificamos que os lugares de memória vão além da ideia de um local especificamente criado para abrigar a memória, mas podem ser representados por festas e demais manifestações que visam a preservação da memória. Acrescentamos a eles as bibliotecas, como espaços que guardam a memória escrita das sociedades.

Assim sendo, os lugares de memória adquirem papel fundamental na sociedade atual, por representarem lócus privilegiado da memória construída ao longo dos anos. Memória, por vezes contraditória, por vezes esclarece-

dora, que gravita entre as lembranças e os esquecimentos tão presentes na vida das sociedades.

ARQUIVOS, MUSEUS E BIBLIOTECAS: GUARDIÃES DA MEMÓRIA

Na discussão sobre os lugares de memória consideramos o papel exercido pelos arquivos, museus e bibliotecas no processo de preservação da memória, bem como no processo de construção do conhecimento histórico.

Contudo, os referidos lugares guardam algumas peculiaridades que os distinguem, mas também semelhanças que os aproximam, caracterizando-se, principalmente, como guardiães da memória da humanidade.

Primeiramente, é importante compreendermos o que é um arquivo. Segundo o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística, arquivo é definido da seguinte maneira:

> 1. Conjunto de documentos produzidos e acumulados por uma entidade coletiva, pública ou privada, pessoa ou família, no desempenho de suas atividades, independentemente da natureza do suporte. 2. Instituição ou serviço que tem por finalidade a custódia, o processamento técnico, a conservação e o acesso a documentos. 3. Instalações onde funcionam arquivos. 4. Móvel destinado à guarda de documentos. (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p.27).

Nesse sentido, Camargo e Bellotto (1996, p.5) entendem arquivo como "Conjunto de documentos que, independentemente da natureza ou do suporte, são reunidos por acumulação ao longo das atividades de pessoas físicas ou jurídicas, públicas ou privadas".

Outra definição está em Schellemberg (2006), para o qual arquivos são:

> Os documentos de qualquer instituição pública ou privada que hajam sido considerados de valor, merecendo preservação permanente para fins de referência e de pesquisa e que hajam sido depositados ou selecionados para depósito, num arquivo de custódia permanente (SCHELLEMBERG, 2006, p.41).

Diante desse quadro, percebemos que arquivo é um conjunto de documentos que podem estar ou não organizados segundo procedimentos específicos. Por outro lado, pode ser um espaço no qual a documentação é armazenada, guardada. Em síntese, para a constituição de um arquivo é necessário termos um conjunto de documentos e, consequentemente, um lugar para abrigá-los.

Os documentos de arquivo assumem funções administrativas e jurídicas, adquirindo, ao longo dos anos, caráter histórico, ou seja, passam de arsenal da administração para celeiro da história. (BELLOTTO, 2006).

Já os museus são locais onde os documentos formam uma coleção, ou seja, eles são organizados de acordo com uma temática específica, pois diferentemente dos documentos de arquivo, que são acumulados naturalmente, as peças dos museus são reunidas artificialmente e têm finalidade educativa, cultural e de entretenimento. Os documentos de museu são produto da criação artística ou da civilização material de uma comunidade, informam visualmente, são tridimensionais e possuem as mais variadas formas. (BELLOTTO, 2006).

Em relação aos documentos de biblioteca, que são em sua maioria livros, também há, como nos museus, uma reunião artificial, em torno de temáticas específicas, com objetivos culturais, técnicos e científicos, possuindo fornecedores múltiplos: livrarias, editoras, empresas gráficas e jornalísticas, dentre outras. Os documentos são gráficos, manuscritos ou impressos, desenhos, mapas, plantas, material audiovisual, etc. (BELLOTTO, 2006).

Os documentos de arquivo são gerados por um processo natural e orgânico através de passagem natural, ou seja, passam do local de produção para o local de armazenamento, mantendo relações genéticas entre si, sendo que só fazem sentido em relação ao conjunto a que pertencem. Os de biblioteca e de museu são obtidos através de compra, doação ou permuta, ou seja, em sua grande maioria, são provenientes de fontes diversas.

Em síntese, queremos enfatizar o papel assumido por esses três lugares de memória para a história e para a cultura das sociedades, sendo imprescindível a sua participação no processo de formação escolar de cidadãos que irão atuar nas várias esferas sociais. É este o assunto do nosso próximo tópico.

COMO TRABALHAR COM OS DOCUMENTOS DE ARQUIVOS, MUSEUS E BIBLIOTECAS NAS AULAS DE HISTÓRIA?

O trabalho com os documentos dos lugares de memória em sala de aula nos instiga a refletir sobre a sua essência e ao mesmo tempo sobre as suas potencialidades educativas.

Nesse sentido, apresentaremos algumas possibilidades de utilização dos documentos de arquivos, museus e biblioteca nas aulas de História.

Arquivos e ensino de História

Como já enfatizamos os **documentos de arquivo** podem apresentar-se de variadas formas, porém há uma predominância dos documentos escritos, pela própria vinculação da sociedade ocidental à escrita.

Ver glossário no final da Aula

E é em relação a eles que discutiremos as possibilidades de trabalho em sala de aula. Primeiramente, é preciso considerarmos que num arquivo os

documentos podem ser manuscritos ou datilografados (ou mesmo digitados, no caso dos arquivos mais atuais).

Assim sendo, dependendo do nível da turma de Ensino Médio, os documentos manuscritos podem ou não serem utilizados. Sim, porque devemos considerar que a grafia da maioria dos documentos não é igual à atual. Por outro lado, os documentos datilografados são mais acessíveis, de melhor compreensão de sentido. Em síntese, é preciso que o professor tenha muito cuidado e realize um diagnóstico da turma, antes de selecionar um documento de arquivo para ser trabalhado em sala de aula, devendo ser escolhido aquele que melhor se adeque ao perfil dos discentes.

A seleção, inclusive, pode ser feita com os próprios alunos, numa atividade extraclasse, realizada no próprio espaço do arquivo. O interessante é proporcionar aos alunos o contato com os catálogos disponíveis para os pesquisadores e consulentes em geral, e através da formação de grupos, o professor orientar os alunos a selecionarem os documentos que mais lhe chamem a atenção, para assim debruçar-se em sua compreensão! Claro, anteriormente, o professor deve fazer uma seleção prévia, do **fundo arquivístico** que poderá ser utilizado pelos alunos no desenvolvimento da atividade.

Ver glossário no final da Aula

Após esse passo, indicamos a leitura e a interpretação dos documentos, observando os passos sugeridos por Bittencourt (2008) para a leitura de documentos, que especificamos na aula 6.

Nessa perspectiva, a discussão sobre os documentos de arquivo proporciona aos alunos um contato com realidades que os aproximam do passado, fazendo-os refletir sobre o presente, estabelecendo conexões que os façam melhor compreender a memória construída pelos homens ao longo dos anos e exercitando sua capacidade de interpretação histórica.

Uma atividade muito interessante é fazer uma visita ao arquivo da própria instituição escolar. No **arquivo escolar** há uma diversidade muito grande de documentos que podem ser selecionados e utilizados nas aulas de História: atas de reuniões, boletins, cadernetas, livros de registros diversos, dentre outros. Mogarro (2005) caracteriza bem a documentação presente num arquivo escolar:

Ver glossário no final da Aula

> Constituído fundamentalmente por documentos escritos, o arquivo ocupa um lugar central que decorre da direta relação da escola com o universo da escrita. A escrita tem, ela própria, uma posição de centralidade no quotidiano escolar (na gestão administrativa, nas relações pedagógicas, na construção de saberes, nas relações sociais), estando presente em toda a vida da instituição. É essa íntima relação que o arquivo reflete, na materialidade dos seus documentos e de forma mais consistente e lógica que outros espólios, compreendendo-se assim o lugar central que ocupa na vida e na história da escola. (MOGARRO, 2005, p.105-106.).

O professor pode, a partir do conhecimento do arquivo escolar, conduzir os alunos a refletirem não somente sobre a história da própria escola, mas também sobre a história de Sergipe e do Brasil.

Em se tratando de Sergipe, sugerimos o exemplo do arquivo escolar do Atheneu Sergipense, presente no Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense (CEMAS), localizado em espaço da própria instituição.

O CEMAS foi fundado em 2009, resultado de um processo de organização do arquivo do Atheneu Sergipense, iniciado em 2005. No arquivo do Atheneu Sergipense encontra-se a documentação produzida e acumulada pela instituição, entre os anos de 1870 e 1950, contendo as seguintes **tipologias documentais**: atas, atestados médicos, boletins, cadernetas, correspondências - expedidas e recebidas-, exames e concursos, imprensa, livros de ponto, livros de registro e matrículas e transferências.

Para além do arquivo da própria escola, outro lugar de memória importante de nosso estado é o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), localizado no centro de Aracaju. Fundado em 1912, com o objetivo de incentivar a pesquisa histórica e geográfica em Sergipe, o IHGSE possui um arquivo composto por 13 fundos arquivísticos e 519 caixas – arquivo, dos quais destacamos o Fundo IHGSE, composto por 140 mil documentos, tendo como data limite os anos de 1640 e 2004.

Diante desse conjunto documental, tanto do CEMAS quanto do IHGSE, o professor de História pode trabalhar inúmeros conteúdos da nossa história. A história de Sergipe tem espaço privilegiado nos documentos do Fundo IHGSE. A abolição da escravidão e a proclamação da República, por exemplo, estão presentes na documentação produzida pelo Atheneu Sergipense, principalmente em suas atas.

Contudo, o professor deve ter o cuidado, primeiramente, de pensar sobre a atividade que será desenvolvida, visitando as instituições previamente, mantendo contato com a documentação e definindo o caminho necessário para a sua concretização.

Desta feita, o arquivo é um espaço privilegiado para o desenvolvimento de atividades que aproximam os discentes das realidades históricas, propiciando uma reflexão mais profunda em relação aos conteúdos trabalhados nas aulas, tornando-as consequentemente mais proveitosas.

ATIVIDADE

Em grupos de três pessoas realizar a seguinte atividade: visitar arquivo de uma escola do seu município e compor uma lista dos documentos que podem ser utilizados nas aulas de História para o Ensino Médio, especificando a metodologia.

COMENTÁRIO SOBRE A ATIVIDADE

O arquivo representa a memória viva de uma sociedade, uma pessoa, uma família, enfim, ele se constitui num guardião de preciosidades que possibilita a constituição da história, reforçando os laços de identidade. Assim sendo, o conhecimento dessa memória possibilita, aos alunos do Ensino Médio, a formação de uma consciência sobre a preservação do patrimônio cultural.

Museus e ensino de História

Os museus têm um papel fundamental no processo de constituição da memória cultural da humanidade. Considerando a importância dos documentos por eles abrigados, é que enfatizamos o seu potencial educativo, como um aporte significativo para a compreensão dos conteúdos desenvolvidos nas aulas de História.

Nesse sentido, partilhamos do pensamento exposto por Almeida e Vasconcellos (2010), que apresentam um roteiro para o processo de visitação de museus, considerando os seguintes passos:

> - Definir os objetivos de uma visita;
> - Selecionar o museu mais apropriado para o tema a ser trabalhado; ou uma das exposições apresentadas, ou parte de uma exposição, ou ainda um conjunto de museus;
> -Visitar a instituição antecipadamente até alcançar uma familiaridade com o espaço a ser trabalhado;
> -Verificar as atividades educativas oferecidas pelo museu e se elas se adequam aos objetivos propostos e, neste caso, adaptá-los aos próprios interesses;
> - Preparar os alunos para a visita através de exercícios de observação, estudo de conteúdos e conceitos;
> - Coordenar a visita de acordo com os objetivos propostos ou participar de visita monitorada, coordenada por educadores do museu;
> - Elaborar formas de dar continuidade à visita quando voltar à sala de aula;
> - Avaliar o processo educativo que envolveu a atividade, a fim de aperfeiçoar o planejamento das novas visitas, em seus objetivos e escolhas. (ALMEIDA e VASCONCELLOS, 2010, p.114).

Dentre os pontos abordados pelos autores destacamos a preparação dos alunos, como uma atitude imprescindível para o sucesso da atividade. O professor de História precisa trabalhar previamente o conceito de museu

com os alunos, suas características e função, utilizando-se, inclusive, de vídeos disponíveis sobre museus do Brasil e do mundo. Uma indicação é a série de vídeos Conhecendo museus, disponível no Youtube, com mais de 60 vídeos produzidos pela Fundação José Paiva Neto, em parceria com o Sistema Brasileiro de Museus, o Instituto Brasileiro de Museus e o Ministério da Cultura.

Inclusive, o professor pode utilizar esses vídeos como um recurso importante para trabalhar conteúdos históricos que, muitas vezes, não são contemplados nos museus locais e que são imprescindíveis para a compreensão da história do nosso país.

No entanto, enfatizamos que em Sergipe também encontramos alguns museus com temáticas bastante significativas e que podem ser visitados pelo professor de História e seus alunos: Museu Afro Brasileiro de Sergipe e Museu de Arte Sacra (Laranjeiras); Museu Histórico de Sergipe (São Cristóvão); Memorial da Bandeira (Aracaju); Museu Galdino Bicho (IHGSE - Aracaju); Museu de Arqueologia de Xingó- MAX (Canindé); Palácio Museu Olímpio Campos (Aracaju); Museu dos Ex- votos de Sergipe (São Cristóvão); Casa de Cultura João Ribeiro (Laranjeiras); Instituto Dom Luciano Duarte (Aracaju); Casa de Folclore Zé Cadunga (Laranjeiras); Museu do Homem Sergipano (Aracaju); Herbário (São Cristóvão- UFS); Memorial do Poder Judiciário (Aracaju); Museu Raimundo Fonseca (Boquim).

Ver glossário no final da Aula

Diante do exposto, percebemos que há uma significativa diversidade de museus em nosso estado que podem ser utilizados nas aulas de História. Vamos citar os exemplos do Museu Afro Brasileiro de Sergipe e do Museu Galdino Bicho.

O Museu Afro foi criado em Janeiro de 1976 e oficializado em fevereiro do mesmo ano, pelo Decreto n° 3.339. É composto de exposição permanente e temporárias e foi montado para o estudo da presença do negro na formação do povo brasileiro. Fica instalado num prédio do século XIX, em Laranjeiras conhecido como Casa Aquiles Ribeiro.

Museu Afro Brasileiro de Sergipe http://umpoucodahistoriadesergipe.blogspot.com.br/

As peças retratam o africanismo sergipano, através de instrumentos de tortura utilizados nos engenhos sergipanos (os troncos, réplicas das mordaças, bola-de-ferro, chicote, palmatória e uma série de instrumentos), além de mobiliário e meio de transporte utilizado pelos senhores e utensílios domésticos usados pelos escravos da casa grande. O Museu tem um espaço que mostra o que é um pouco do engenho, com ênfase para um dos mais importantes do Estado, o Massapé. O universo da religiosidade afro-brasileira e as manifestações folclóricas de origem negra, heranças marcantes deixadas por essa raça, também ocupam espaço.

Já o museu **Galdino Guttman Bicho**, localizado no IHGSE, tem uma diversidade de peças que se referem à história local, nacional e mundial, sendo composto por indumentária, mobiliário, moedas, medalhas, armas, utensílios domésticos, esculturas, pinturas, fotografias, maquinaria, objetos arqueológicos, objetos paleontológicos e outros.

Ver glossário no final da Aula

Museu Galdino Gutman Bicho (IHGSE)
Fonte: http://www.ihgse.org.br/museu.asp

Indo além da nossa realidade, por que não visitar os **museus virtuais**, possibilidade bastante atual? Por exemplo, é possível visitar museus como o Louvre e de outros países pela internet, onde uma das ferramentas possíveis é clicar sobre cada peça e observá-la com detalhes na tela do computador.

Ver glossário no final da Aula

Assim é que o universo dos museus possibilita uma verdadeira viagem por Sergipe, pelo Brasil e pelo mundo e é uma ferramenta significativa de trabalho com os conteúdos históricos em sala de aula, considerando o valor que a cultura material tem para a compreensão das ações dos homens ao longo do tempo.

ATIVIDADE

Assista os vídeos “Conhecendo Museus- Museu da Inconfidência- Parte 1 Parte 2” (http://www.youtube.com/watch?v=Ikk0CadB_GA) e apresente uma possibilidade de trabalho com o vídeo nas aulas de História, considerando os passos apresentados por Almeida e Vasconcellos (2010).

COMENTÁRIO SOBRE A ATIVIDADE

Os vídeos são um proveitoso instrumento para motivar os alunos nas aulas de História. Relacionar um vídeo com uma visita a museus, então, é melhor ainda. Querido aluno, use a sua criatividade e busque explorar o maior número de elementos presentes no Museu da Inconfidência.

Bibliotecas e ensino de História

O universo da biblioteca é mais familiar aos alunos brasileiros, até porque é um espaço que faz parte da grande maioria das escolas. Contudo, nem sempre esse espaço é bem explorado pela comunidade escolar, principalmente pelos professores em suas aulas.

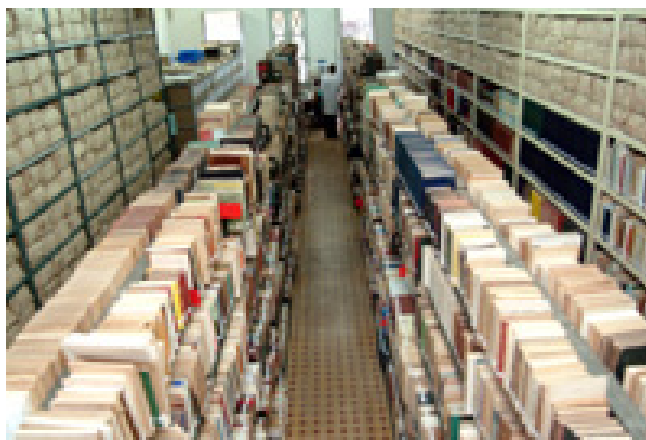
No caso da História, é preciso considerar que a leitura é algo imprescindível para a compreensão dos conteúdos da disciplina. Por isso, o ambiente da biblioteca ganha valor considerável, contendo recursos que podem e muito contribuir para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos.

Desta feita, o professor de História pode adquirir recursos fundamentais para as suas aulas na biblioteca, tanto da escola, quanto de outras localidades, a exemplo das bibliotecas públicas.

Uma atividade significativa e que pode ser realizada é justamente a de pesquisa de um conteúdo histórico, através da comparação de livros didáticos, pois cada um apresenta a sua “história”, ressaltando alguns pontos em detrimento de outros, apresentando elementos bem específicos, incluindo as figuras e atividades, enfim, guardam diferenças e semelhanças que podem ser identificadas pelos alunos. Essa atividade incita os discentes à leitura, além de ser uma ótima oportunidade para a problematização do conhecimento histórico escolar.

Outro caminho possível é visitar uma biblioteca pública, para que os alunos entrem em contato com uma gama mais variada de livros, incluindo os não-didáticos. Assim sendo, como o nosso foco são os alunos do Ensino

Médio, esta atividade pode ser desenvolvida tanto sobre a história local, quanto nacional. No caso de Sergipe, enfatizamos a Biblioteca Pública Epifânio Dória e as Bibliotecas do IHGSE e da UFS, que contêm obras diversificadas de autores consagrados, o que possibilita a ampliação do conhecimento, indo além das obras didáticas. Por que não, um aluno do Ensino Médio ler as obras dos historiadores sergipanos **Ibarê Dantas** e **Thetis Nunes**? Por que não ler obras da história nacional produzidas por **José Murilo de Carvalho** e **Mary Del Priore**?

Ver glossário no final da Aula

Acervo da Biblioteca do IHGSE
Fonte: http://www.ihgse.org.br/biblioteca.asp

Sabemos também que a maioria dos municípios sergipanos possuem bibliotecas públicas, que podem ser utilizadas pelos professores em suas aulas e, por isso, instigamos você aluno do CESAD que atua ou atuará no interior do estado a visitar com seus alunos a biblioteca local e a incentivá-los à leitura de clássicos da história sergipana e brasileira.

O importante é que o professor de História valorize a biblioteca, verdadeiramente, como um lugar de memória, para que assim o seu uso possa ser o mais produtivo possível, não esquecendo que o contato com os livros possibilita o exercício da leitura, habilidade imprescindível no processo de formação de cidadãos mais reflexivos.

Visitar a biblioteca pública de seu município e selecionar livros que podem ser utilizados nas aulas de História do Ensino Médio, através da idealização de uma atividade prática com os alunos.

COMENTÁRIO SOBRE A ATIVIDADE

Os livros são um riquíssimo instrumento para que os alunos possam desenvolver habilidades como a leitura e a interpretação, possibilitando uma formação mais completa dos discentes.

CONCLUSÃO

Os lugares de memória fazem parte do universo do historiador, pois neles está contida a memória das sociedades, que propicia a reconstituição das realidades históricas passadas.

Arquivos, museus e bibliotecas são locais da presença dessa memória que foi construída para ser ou não perpetuada. A questão central está, justamente, no papel que a memória tem no processo de constituição da identidade cultural, fortalecendo os laços que unem os homens em sua vida social.

O ensino de História insere-se nessa perspectiva, na medida em que contribui, através da educação patrimonial, para a construção da cidadania cultural, através do processo de formação dos cidadãos que irão atuar na sociedade, transmitindo um senso de preservação dos bens culturais, imprescindíveis para a manutenção da memória coletiva. (ORIÁ, 2010).

Assim sendo, ao trabalhar com os lugares de memória, o professor de História estará contribuindo para a formação de cidadãos conscientes do mundo que os circundam.

O que apresentamos nesta aula é apenas uma reflexão sobre algumas possibilidades de trabalho com os lugares de memória e seus documentos. As estratégias podem ser variadas, fica a critério do docente e das condições de trabalho. Mas, com boa vontade muita coisa pode ser realizada!

RESUMO

Os lugares de memória abrigam toda gama de documentos que representam a memória das sociedades. Construída ao longo dos anos, fruto das vivências humanas, estes espaços adquirem grande representatividade para as aulas de História no Ensino Médio. Arquivos, museus e bibliotecas guardam uma infinidade de documentos (fontes) que podem dinamizar os conteúdos históricos, fazendo com que os discentes adentrem no universo do conhecimento histórico. Uma estratégia bem profícua é a visita a esses espaços, como uma atividade extra-classe, para que os alunos entrem em contato com os materiais e assim possam compreendir melhor a história.

PRÓXIMA AULA

Na próxima aula discutiremos sobre a planejamentos pedagógico, com êsfose na elaboração do plano de Aula.

AUTO-AVALIAÇÃO

Pense sobre os seguintes pontos:
1- Identifico as diferenças entre os documentos de arquivos, museus e bibliotecas?
2- Consigo planejar e utilizar documentos de arquivos, museus e bibliotecas nas aulas de História para o Ensino Médio?

REFERÊNCIAS

ARQUIVO NACIONAL. **Dicionário de Terminologia Arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.
BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2008.
BURKE, Peter. **A escola dos Annales**: a revolução francesa da historiografia (1929-1989). São Paulo: Editora da Unesp, 1997.
FONSECA, Selva Guimarães e GUIMARÃES, Iara Vieira. **Metodologia do Ensino de História. Minas Gerais**: Universidade Federal de Uberlândia, 2010.
LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2008.
MOGARRO, Maria João. "Os arquivos escolares nas instituições educativas portuguesas: preservar a informação, construir a memória". **Pro-Posições.** Dossiê Cultura Escolar e Cultura Material Escolar: entre arquivos e museus, Revista da Faculdade de Educação da Unicamp, v.16, n. 1- jan-abr 2005, p.105-106.
NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, nº 10, dez. 1993. p.7-28.
SCHELLEMBERG, Theodore R. **Arquivos modernos**: princípios e técnicas. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
ORIÁ, Ricardo. Memória e ensino de História. BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **O saber histórico em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2010. p.128-148.

ALMEIDA, Adriana Mortara e VASCONCELLOS, Camilo de Mello. Por que visitar museus. In: BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **O saber histórico em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2010. p.104-116.

GLÓSSARIO

documendo de arquivo: Contudo, ressaltamos que existem arquivos com outras naturezas de documentos, que não os escritos, a exemplo, dos audiovisuais: microfilmes, fitas cassetes, CDs, DVDs, etc.

fundos arquivísticos: Unidade básica para a organização de arquivos. Em síntese a organização de um funda segue o principio da provrniência, ou seja, os conjuntos documentais produzidos e acumulados por uma instituição ou pessoa não devem ser misturados aos de outras.

arquivo escolar: Conjunto de documentos produzidos e/ou acumulados pelas instituições de ensino escolar ao longo do exercício de suas atividades.

CEMAS: O projeto de organização do arquivo do Atheneu Sergipense é coordenado pela professora do Departamento de Educação da UFS, Drª Eva Maria Siqueira Alves.

tipologias documentais: Configuração assumida pela espécie documental (natureza do documento) de acordo com as funções que geram os documentos, ou seja, os documentos do CEMAS possuem tipos específicos de documentos, em relação às atividades desenvolvidas pelo Atheneu Sergipense ao longo dos anos. Assim, por exemplo, as suas atas têm características bem específicas, que as diferenciam das de outras instituições e assim acontece com os outros documentos.

Museus sergipanos: Para maiores informações sobre os museus sergipanos acessar: http://itabi.infonet.com.br/museusemsergipe/

Galdino Guttman Bicho: O nome do museu deve-se às doações valorosas que Galdino Guttman Bicho realizou, em 1955.

Museus virtuais: Para maiores informações acessar: http://olhardigital.uol.com.br/video/faca-um-tour-virtual-pelos-principais-museus-do-mundo/24732.

Ibarê Dantas: Historiador sergipano nascido em Riachão do Dantas, no ano de 1939. Formou-se em História, pela UFS e fez mestrado em Ciências Políticas pela Unicamp. Lecionou na UFS entre os anos de 1970 e 1994. Foi presidente do IHGSE entre os anos de 2004 e 2009, e é autor de

obras como: "O Tenentismo em Sergipe: da revolta de 1924 à Revolução de 1930"; "Os partidos políticos em Sergipe (1889-1964)"; "Coronelismo e dominação"; "A Revolução de 30 em Sergipe" e "Leandro de Ribeiro Siqueira Maciel: o patriarca da Serra Negra e a política oitocentista em Sergipe."

Thetis Nunes: Historiadora sergipana nascida em Itabaiana no ano de 1925, falecida em 2009. Formou-se em Geografia e História pela Faculdade de Filosofia da universidade Federal da Bahia e em Museologia no Museu Histórico Nacional. Foi professora catedrática do Atheneu Sergipense e da Faculdade Católica de Filosofia, aqui em Sergipe. Em 1968, ingressou como professora da UFS. Foi presidente do IHGSE por 30 anos. É autora de livros como: "História da educação em Sergipe"; "A Civilização Árabe, sua influência na civilização ocidental." "Sergipe no Processo da Independência do Brasil" e "Sílvio Romero e Manoel Bomfim: pioneiros de uma Ideologia Nacional."

José Murilo de Carvalho: Cientista político e historiador brasileiro, nascido em Minas Gerais, em 1939. Professor da Universidade Federal de Minas Gerais é membro da Academis Brasileira de Letras. É autor de livros como: "A construção da ordem: a elite política imperial."; "Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi"; "Teatro de sombras: a política imperial."; "A formação das almas: o imaginário da República no Brasil"; "A monarquia brasileira" e "Dom Pedro II".

Mary Del Priore: Historiadora nascida no Rio de Janeiro, em 1952, doutora em História Social pela Universidade de São Paulo e pós-doutora pela Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, na França. Lecionou História em várias universidades brasileiras, tais como a Universidade de São Paulo, a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e a Universidade Salgado de Oliveira. É colaboradora de periódicos nacionais e internacionais e autora de livros como: "Histórias Íntimas: Sexualidade e Erotismo na História do Brasil"; "Matar para não morrer: A morte de Euclides da Cunha e a noite sem fim de Dilermando de Assis"; "Condessa de Barral, a paixão do Imperador."; "O príncipe maldito"; "História do Amor no Brasil"; "História das mulheres no Brasil"; "Festas e utopias no Brasil colonial" e "História da Criança no Brasil".

Memória: A memória pode ou não ser construída para a posteridade. Precisamos entender que os homens, ao viverem, nem sempre estão preocupados em deixarem uma memória. Por outro lado, muitas memórias são produzidas para serem perpetuadas, com o objetivo de servirem como aporte da identidade de uma sociedade. Isso acontece principalmente com os documentos públicos, a exemplo de leis e monumentos.